

SIMONE GONÇALVES DE PAIVA

**O NACIONALISMO NA COPA DE 1950:
Relação da Identidade Nacional e a Organização
da Copa de 50 através dos jornais**

**Campinas
2014**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



SIMONE GONÇALVES DE PAIVA

O NACIONALISMO NA COPA DE 1950: Relação da Identidade Nacional e a Organização da Copa de 50 através dos jornais

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Bacharela em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Edivaldo Gois Junior

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO FINAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DEFENDIDA PELA ALUNA SIMONE GONÇALVES DE PAIVA E ORIENTADA PELO PROFESSOR DR. EDIVALDO GOIS JUNIOR.

ASSINATURA DO ORIENTADOR

**Campinas
2014**

FICHA CATALOGRÁFICA
ELABORADA POR DULCE INES LEOCÁDIO DOS SANTOS AUGUSTO – CRB8/4991
BIBLIOTECA “PROF. ASDRUBAL FERREIRA BATISTA”
FEF – UNICAMP

P166n Paiva, Simone Gonçalves de, 1989-
O nacionalismo na copa de 1950: relação da identidade nacional e a organização da Copa de 1950 através dos jornais / Simone Gonçalves de Paiva.-- Campinas, SP: [s.n], 2014.

Orientador: Edivaldo Góis Júnior.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Futebol – Brasil - História. 2. Futebol - História. 3. Copa do Mundo(Futebol) - História. I. Góis Júnior, Edivaldo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Nationalism in the world cup of 1950: the relation of the national identify and the organization of the world cup of 1950 through the newspapers.

Palavras-chave em inglês:

Soccer – Brazil – History

Soccer – History

World Cup(Soccer) – History

Banca Examinadora:

Edivaldo Góis Júnior [Orientador]

Heloisa Helena Baldy dos Reis

Data da defesa: 09-12-2014

Graduação: Bacharelado em Educação Física

COMISSÃO JULGADORA

Nome Completo do Orientador

Edivaldo Goís Junior

Nome Completo do Titular da Banca

Heloísa Helena Baldy dos Reis

*Dedico este trabalho aos melhores
da minha vida, meus pais!
E minha melhor amiga, minha irmã!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de qualquer pessoa, a Deus, pois por menos religiosa que eu seja, sempre acreditei em uma força exterior e que estava sempre ali olhando por mim, me forçando seguir em frente fosse qual for a dificuldade. Agradeço também a ele por ter colocado na minha vida os melhores da minha vida, meus pais, eles que sempre me apoiaram mesmo quando não achavam o melhor, mas me permitiram seguir meus sonhos, ideias e buscar aquilo que eu acreditava ser o certo. E agradeço a eles, principalmente ao meu pai, que me enviaram esse gene apaixonado e louco por esportes, com muita ênfase no futebol! Obrigada, meus atacantes preferidos! A minha irmã, que mesmo sendo tão oposta de mim, sempre esteve do meu lado e me apoiou da sua maneira, nunca negando sua mão quando eu precisei. Obrigada por ser minha melhor amiga!

Agradeço ao querido professor e orientador Edivaldo Góis Junior, que já na prorrogação e mesmo com todos os percalços deste ano aceitou me orientar e me auxiliar na construção desse gratificante e apaixonante trabalho, obrigada por acreditar em mim e sempre ser sincero em suas palavras. À minha banca avaliadora, Professora Dr. Heloisa Reis, desde o primeiro momento que a encontrei foi tão atenciosa e interessada no que eu tinha a dizer, e apesar deste encontro ter demorado foi o suficiente para saber que minha admiração não era em vão.

Aos professores da FEF – UNICAMP que foram tão importantes nesta minha formação única! Obrigada por me fazerem acreditar e amar esta profissão que escolhi. Agradeço em especial aos professores Ademir De Marco e João Paulo Borin, por terem-me “aguentado” dois anos no PET e PIBIC, respectivamente, e por nunca terem passado a mão na minha cabeça e sim, me feito acreditar que eu era capaz.

Aos meus amigos de graduação, minha turma 09 – Noturno, os amigos da FEF, os amigos da UNICAMP. Obrigada por fazerem parte destes 6 incríveis e inesquecíveis anos da minha vida!

Agradeço aqueles que aguentaram o meu humor louco, minha mania de falar loucamente (principalmente de futebol), de ser metida a politizada e de ser extremamente sensível e que estiveram junto comigo nos momentos mais loucos, felizes, estressantes ou tristes desta graduação: Duft, que se tornou tão especial nestes 6

anos e apesar de ficarmos 1 ano e meio separadas por intercâmbio, podemos dizer que estivemos juntas até a última disciplina da graduação. A Mari, por sempre ser tão mãe, mas também por sempre ser a animação que me faltava. A Camis, pelo vôlei e por ter se tornado tão importante em tão pouco tempo. A Patinha, por dividir comigo os mesmos sonhos. Daiane Pira e Kathião, por sermos tão diferentes e por isso a amizade ser tão incrível e por terem me surpreendido quando eu menos esperava. Cibele, Simone, Ana, Mayara e Thálita, por terem participado destes anos e principalmente por terem dado tanta risada comigo. Ao Vitor e Paulão, por compartilharem as risadas, histórias e debates alucinados sobre futebol, ou qualquer esporte ou assunto que estivesse em pauta, obrigada pelos momentos anormais e de reflexão! Aos meus amigos de longa data, Débora (minha irmã de coração!), Paula e Bisoffi por me acompanharem neste sonho deste o ensino fundamental e médio.

As minhas companheiras da casa I2 e H2 na Moradia da Unicamp por terem compartilhado essa nova experiência de viver longe dos pais e fazerem disso um prazer, obrigada por compartilhar esses 4 anos de aventura: Julie, Mari, Paula e Aline.

Aos meus amigos de intercâmbio que foram essenciais nessa aventura europeia BRUTAL na terra de Camões, pois sem vocês o Porto não teria sido tão GIRO! Obrigada menina Cecília, Kainá, Fer, Lê e Diego.

Aos meus amigos do PET, pelas incríveis reuniões de projeto, os incríveis projetos, as risadas, as discussões, os desafios, foi incrível. Aos companheiros do grupo de pesquisa em Treinamento Esportivo, eu tentei pessoal, mas obrigada pela paciência e ajuda nestes anos, mas eu definitivamente sou da humanas!

Aos meus amigos fora dos arredores da UNICAMP que compartilharam minhas conquistas, minhas alegrias, tristezas e aguentaram eu falar desse TCC durante todo esse ano, e me ajudaram a suportar as madrugadas viradas. A Dani por ser minha amiga mais distante, mas me fazer sentir tão próxima sempre que conversamos e saber que ela é minha irmã gêmea!Grazie Mille!Aos meus amigos Monica, Darlan, Eduardo, Anderson, Diego, Gerson e Nathália por serem amigos para qualquer momento e por me encorajar a fazer tanto.

E finalizo agradecendo meus atuais companheiros de trabalho e diversão, da Academia Chris Sports, por serem tão atenciosos neste novo desafio que foi para eu entrar no mercado de trabalho. Aos ensinamentos e paciência, os conselhos e as risadas,

os puxões de orelhas e as bagunças, obrigada! Agradeço em especial aos amigos e futuros companheiros de trabalho Professores Douglas, Mel, Magdão, Mika e Duzinho. E aos meus companheiros de estágio André, Marcelo e Juliana. Obrigada, TIME DE OURO!

Enfim, agradeço a todos, que de alguma forma fizeram parte destes anos e tem sido tão importantes na minha vida.

PAIVA, Simone Gonçalves de. O NACIONALISMO NA COPA DE 1950: Relação da Identidade Nacional e a Organização da Copa de 50 através dos jornais. 2014. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar como o nacionalismo se apresentou como discurso durante a Copa de 1950 realizada no Brasil. O Futebol criou uma relação muito próxima e forte com o brasileiro. Há muito tempo ele gera um conglomerado de sentimentos, principalmente durante o período de Copa do Mundo, quando se vê um nacionalismo estampando nas janelas, nos carros e nas camisas. Em termos metodológicos, foi realizada uma pesquisa histórica que teve como fonte jornais de grande circulação publicados no período de 1949-1950 de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo que naquela época eles eram os meios de comunicação mais abrangentes do país. Concluiu que o futebol desde então deixou de ser apenas um esporte e passou a emergir na sociedade como um espaço onde as relações podem se construir e desconstruir identidades, enfim fica evidente uma representação do futebol como símbolo de “brasilidade”.

PALAVRAS-CHAVES: História, Futebol, Brasil.

PAIVA, Simone Gonçalves de. NATIONALISM IN THE WORLD CUP OF 1950: The Relation of the National Identity and the Organization of the World Cup of 1950 through the newspapers. 2014. 51p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

ABSTRACT

This work aims at analyzing how nationalism presented itself as a discourse during the World Cup of 1950, which took place in Brazil. Soccer created a very close and strong relation to the Brazilians. For a long time, it has been generating a mixture of feelings, mainly during the period of the World Cup, when one can see exhibitions of nationalism on the windows of the houses, cars and shirts. In methodological terms, we carried out a historical research, using as source major newspapers published in the period of 1949-1950 in São Paulo and Rio de Janeiro, which were, at the time, the most extensive mass media in the country. We concluded that, since then, soccer ceased to be merely a sport and emerged in society as a space where the relations can be constructed and the identities deconstructed; shortly, it makes evident the representation of soccer as a symbol of “Brazilianness”.

KEY WORDS: History, Soccer, Brazil

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBD Confederação Brasileira de Desportos

CBF Confederação Brasileira de Futebol

FIFA Federação Internacional de Futebol

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL.....	16
3 IDENTIDADE NACIONAL.....	22
4 POLÍTICA NO BRASIL: PORQUE DA COPA DO MUNDO DE 1950 NO PAÍS? 26	
5 A ORGANIZAÇÃO DA COPA DO MUNDO DE 1950	29
6. O NACIONALISMO E A MÍDIA NA COPA DE 1950	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
8 REFERENCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Domingo é tradicionalmente conhecido como o dia de Futebol, dia de ir ao estádio. E aquele domingo 16 de Julho de 1950, não seria diferente. No entanto, não era dia de Fla-Flu e nem de qualquer outro clássico carioca ou brasileiro, o Maracanã que estreará há exato um mês ainda não havia recebido os clubes brasileiros. O estádio teve sua construção idealizada especialmente para aquela Copa do Mundo, um verdadeiro templo do futebol com capacidade para mais de 200 mil pessoas, seu gramado ainda era desconhecido pelos brasileiros, mas já possuía a verdadeira adoração dos torcedores nacionais.

Aquele domingo era dia de decisão, Brasil e Uruguai jogavam pelo título¹ da 4ª Copa do Mundo de Futebol, dentro de um Maracanã tomado por 178 mil pessoas, em grande parte por brasileiros. O maior estádio de Futebol do Mundo, daquela época, estava exalando confiança e otimismo no selecionado brasileiro que jogava em casa e demonstrava preparo para enfim ser campeã do mundo. Todavia, o sonho se tornaria o maior pesadelo do futebol nacional, principalmente para o goleiro Moacir Barbosa que seria lembrado para sempre por causa daquele último gol.

O Brasil precisava apenas de um empate para se sagrar campeão e até os 33 minutos do segundo tempo o sonho estava ali pronto para ser consolidado, entretanto o veloz e incisivo atacante da celeste Alcides Ghiggia, carregou a bola em direção a linha de fundo, passando pelo melhor defensor brasileiro, Bigode, e sozinho, chutou a pelota marrom no canto esquerdo do goleiro Barbosa, que não chegou para a defesa, e esse tão simples e habitual lance de um jogo de futebol o marcaria pelo resto da sua vida, o deixando para sempre julgado como o vilão da Final da Copa de 1950, no Brasil. E faria a Seleção Brasileira pra sempre carregar o peso de ter perdido uma Copa do Mundo dentro de casa, frente a seus torcedores.

Assim, ao ponto que o futebol amadurecia, evoluía, sua percepção junto à torcida era destorcida e transformada. O brasileiro começava a ver o futebol como razão e solução dos problemas nacionais. O Brasil tinha tão pouco para se orgulhar naquela

¹ Importante salientar que a Copa do Mundo de 1950 foi disputada em duas etapas: a primeira fase com 13 seleções divididas em 4 grupos: 2 de 4 equipes, 1 de 3 equipes e 1 de 2 equipes. O primeiro de cada grupo se classificou para um quadrangular final, onde todos jogaram contra todos. Aconteceu de Brasil e Uruguai disputarem o último jogo e serem as duas seleções com chances de título.

época que o futebol acabou se tornando em um meio equivocado de afirmação nacional. Vencer uma copa depois da Copa de 1938 na França se tornou forma de afirmação de nossa grandeza como país. Logo, perder em 1950 foi tratado como tragédia pelos torcedores mais fanáticos, pois além de perder, perdemos em casa, no estádio que foi construído para festejarmos a vitória e a marca de grande nação (MÁXIMO, 1999).

Segundo Paschoalino (2012, p.1) “... todo o processo de identificação entre o brasileiro e o futebol reproduz a construção da sociedade brasileira em que valores como a tradição e o sagrado sempre prevaleceram”. Oficialmente, o futebol pode não ser considerado um patrimônio nacional, no entanto é tratado como tal por boa parte desta nação, por de certa forma representar o jeito brasileiro de ser (PASCHOALINO, 2012). Desde que chegou ao Brasil, o Futebol se envolveu com a vida dos brasileiros, se converteu em uma expressão cultural das mais importantes da nossa sociedade, em parte, ganhou lugar cativo na rotina e se tornou assunto de ordem nacional. Observamos que com o passar dos anos o futebol marca presença em muitos lugares, influenciando ou sendo influenciado. Wilson Rinaldi (2000, p. 167) afirma:

[...]que o futebol foi e continua sendo um importante elemento dentro da cultura brasileira. Enquanto fenômeno social, sempre esteve em consonância com a forma de a sociedade se organizar, assim como outros elementos da cultura popular – carnaval, arte, religião, música e outros.

O futebol, talvez seja hoje, junto a religião e política um dos assuntos mais discutidos e que mais causa debates em qualquer roda de amigos, mesa de reunião, entre outros. O Futebol cresceu e se transformou em uma instituição brasileira. A capacidade de carregar multidões e unir indivíduos de diferentes classes sociais e etnias faz do futebol o esporte mais democrático, de forma subjetiva, pois sabemos que nem sempre foi e é assim, ainda há empecilhos, no entanto, não se pode negar seu poder de reunir indivíduos com um único objetivo: viver o futebol.

A copa do mundo de Futebol é um dos maiores eventos esportivos do Mundo e a cada evento realizado reúne mais e mais adeptos, e no Brasil se observou o potencial de formador de Identidade Nacional. Negreiros (2003, p.122) disse:

O Brasil respira futebol. Especialmente na época de disputa de uma Copa do Mundo, os meios de comunicação inundam nossos sentidos com este esporte tão apaixonante. Um clima de unidade nacional é forjado, não deixando

imunes sequer aqueles que não gostam desse esporte. Ser brasileiro tornou-se sinônimo de torcer pelo selecionado de futebol do país.

É durante a Copa do Mundo em que vemos a maior representação de patriotismo, amor as cores da bandeira, o ufanismo exacerbado aflorar em boa parte dos brasileiros, desde os apaixonados por futebol até aqueles que pouco dão importância ao esporte mais popular do mundo. O Brasil sediava em 1950 sua primeira Copa do Mundo e a 4ª de toda a história. E naquele período o país ainda buscava afirmação de uma nação forte e em desenvolvimento, uma nação em que o mundo podia confiar.

A mídia naquela época praticamente formada pelo jornal impresso e o rádio foram importantes também na construção dessa relação, o Futebol passou a definir o ser brasileiro. Nelson Rodrigues ao longo de sua jornada já definia a “pátria de chuteiras”, tão logo observou esse amor sendo construído ao longo da sua trajetória histórica.

Pensando que o Brasil a pouco meses sediou sua segunda Copa do Mundo e esse sentimento nacionalista voltou a aflorar, se verifica o interesse e a necessidade de saber como os torcedores se manifestaram naquela Copa que ainda apresentava vestígios de uma relação em construção. Logo, o objetivo do presente estudo é analisar como a mídia da época se comportou quanto ao futebol e a realização da Copa do Mundo no Brasil como instrumento de afirmação nacional, na construção de uma identidade nacionalista.

Para isso foi realizado uma pesquisa histórica com fontes primárias e secundárias. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica referente à copa do Mundo de 1950, sua organização, relações políticas, divulgação na imprensa e na construção da identidade nacional a partir da mesma e do Futebol.

Na segunda parte da metodologia deste estudo foi realizada uma pesquisa documental em quatro jornais, sendo dois da cidade do Rio de Janeiro (Gazeta de Notícias e Sport Ilustrado) e dois da cidade de São Paulo (Jornal de Notícias e Mundo Esportivo) compreendendo o período de 1949 até o ano da realização da mesma em 1950. A busca desses jornais foi realizada por meio do banco de dados digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Os jornais foram buscados de acordo com as seguintes palavras chaves: Copa do Mundo, Campeonato do Mundo, Campeonato Mundial e Maracanã. Foram analisados no total de 228 jornais e 40 artigos científicos.

Visando a compreensão deste trabalho o segundo capítulo intitulado “História do Futebol no Brasil” procura fazer um resgate histórico do desenvolvimento do futebol brasileiro partindo dos primeiros momentos do esporte no país, sua desconstrução como uma atividade elitizada para uma prática popular. Abordando todo o processo de profissionalização, a intervenção política e sua utilização como meio de criar uma unidade nacional e forma de propaganda do país em desenvolvimento.

O terceiro capítulo irá contextualizar a “Identidade Nacional”, sua caracterização, importância e simbolismo como parte de uma nação. Enfim, como o Futebol se “construiu” no Brasil como a principal referência de nossa identidade. No quarto capítulo descreve o momento político que o país passava, e como os governos daquele período utilizaram do simbolismo que se criou em torno do eventos esportivos, devido a sua capacidade de “unir” uma nação e proporcionar o desenvolvimento e a criação de uma imagem interna e externa. O quinto capítulo, “Organização da Copa do Mundo de 50”, vai explicar sobre todo o processo de organização do Mundial, desde a construção e reforma dos estádios, principalmente a construção do Maracanã, as exigências irrisórias da FIFA (Federação Internacional de Futebol), e a organização do campeonato, as seleções e os jogos.

O sexto capítulo apresenta os resultados a partir dos relatos dos jornais. O principal objeto é apresentar como esse sentimento foi representado nos periódicos do período, antes, durante e depois do evento. Passando pelo otimismo a fracassada derrota do Mundial. Exclamando as falas ufanistas dos políticos até as falas entristecidas dos cronistas.

Compreender aquele mundial vai além daquela derrota, vai em busca do significado que o Futebol conquistou e como ele ainda conquista tanta atenção dos brasileiros.

2 HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL

No período em que o futebol chegou ao Brasil, o país passava por uma grande fase de transição política e de identidade. A escravidão havia sido abolida há pouco tempo (1888), a segregação social e as tradições do período imperial ainda marcavam a sociedade brasileira (PRONI, 2000), o país começava a ganhar contornos de república. Sendo a prática esportiva uma força de expressão da elite, principalmente, nas duas primeiras décadas do século XX. A partir dos anos de 1920 as coisas começam a mudar, observa-se que o esporte que até o momento ocupava espaços da elite e era praticado pela mesma, começa a se popularizar entre as camadas mais pobres, e com isso ganha o desprestígio da elite que vê seu esporte antes organizado se tornar uma manifestação da irracionalidade, do atraso, da desordem, da violência, da ausência de caráter educativo (NEGREIROS, 2003). Constrói-se um cenário no qual a integração nacional pela exclusão/miscigenação do povo brasileiro, ganha contornos políticos e culturais. Logo, através do futebol se observa o processo pelo qual nos constituímos, durante o século XX, como nação de várias “raças” (BITTENCOURT, 2009).

Os clubes de elite, onde apenas brancos e bem posicionados na sociedade burguesa, eram aceitos, só começaram a aceitar negros quando viu que os mesmos apresentavam capacidades físicas e técnicas para estarem nas equipes. Um dos marcos dessa descoberta sobre a “capacidade” dos pobres e negros para jogar o futebol se deve talvez a um dos primeiros ídolos do futebol brasileiro. Arthur Friedenreich, ou Fried, foi o responsável por levar o selecionado nacional à conquista do primeiro título internacional em 1919. O jornalista e escritor, Mario Filho (2003, p.109) foi irônico ao descrever aquele título: “Nem branco, nem mulato, sem cor, acima dessas coisas”, no entanto a opinião do escritor foi apenas o sentimento real dos brasileiros quanto aquele exato jogador. Em 1919, o Brasil viria a sediar pela primeira vez um evento de Futebol, o Sul-americano, campeonato o qual se consagraria campeão, sem dúvida, um marco para a constituição da identidade do brasileiro com o futebol.

Com o passar dos anos o futebol começou a se popularizar, os clubes menos nobres começaram a se formar e cravar seus espaços no contexto da cidade de São Paulo, no entanto, a alta sociedade ainda se negava a misturar o seu futebol organizado e inglês com o futebol “fora da lei” dos populares. No bairro em que “começou” o

futebol trazido por Charles Miller, o Carmo foi onde se observou os primeiros times da conhecida Várzea. Tornando por todo o século este o rótulo do futuro futebol amador, não profissional, muitas vezes praticado em campos de terra ou gramas batidas (DEL PRIORI, 2009; GUTERMAN, 2009, apud CASTILHO, 2010). Com a expansão dos campos pela cidade, os primeiros clubes começariam a aparecer. Logo após, os primeiros jogadores assalariados. A indústria teve um papel importante nos primeiros passos da profissionalização do futebol brasileiro. As fábricas observaram que o futebol não servia apenas para controlar os funcionários, mas também para a promoção da empresa. Assim, começou a pagar alguns auxílios aos funcionários - jogadores.

A profissionalização começou a ganhar contornos de realidade quando os até então maiores rivais paulistas e cariocas se reuniram em prol do profissionalismo do futebol. Rivais que muitas vezes prejudicaram o desenvolvimento do futebol brasileiro (CALDAS, 1989). Ambos tentaram mostrar sua força no esporte quando em 1915 criaram suas Federações de Futebol, São Paulo no dia 25 de setembro e a Federação de Esportes do Rio de Janeiro em 15 de Novembro, tentando representar o futebol brasileiro, o que só aconteceria com o reconhecimento da maior entidade de futebol, a FIFA. A institucionalização da unificação do futebol no país aconteceria em 1916 com a fundação da CBD – Confederação Brasileira de Desportos, atual CBF – Confederação Brasileira de Futebol (SANTOS, 1999)

Devido a grande popularização do futebol, a participação de eventos internacionais e a maior concorrência entre os clubes no recrutamento de jogadores fora do país, abriu espaço para que negros e pobres entrassem no esporte e buscassem afirmação social e uma carreira de trabalho. Na década de 20 se observou os primeiros jogadores negros, pobres e mestiços em clubes de primeira divisão (LOPES, 1994. p.70). Em 1930 no Uruguai, a rivalidade entre as federações de São Paulo e Rio de Janeiro impediram que o Brasil formasse a melhor seleção, com isso os jogadores da federação paulista não viajaram para defender a seleção, entre eles o craque El Tigre (Arthur Fried). O Brasil voltou fracassado daquela copa e o único êxito comemorado foi o destaque individual de “A Maravilha Negra” (Fausto) que se apresentou tão bem no mundial que no ano seguinte se transferiu para o Barcelona da Espanha (COELHO, 2009).

Logo, em 1933 o profissionalismo deu os primeiros passos oficialmente no Brasil. O processo foi acelerado logo após a Copa de 30 no Uruguai quando o êxodo de jogadores para Europa começa a crescer, e os jogadores começam a se transferir alegando principalmente o “falso amadorismo” que estava instaurado no Futebol Brasileiro (SANTOS, 1999). Entre os primeiros jogadores que imigravam para a Europa sendo remunerados em regime profissional estavam Fausto, já citado anteriormente e mais dois craques da época, Domingos da Guia e Leônidas da Silva, o Diamante Negro, todos negros. Além disso, Levine (1982, p.29) ainda aponta outro fator que influenciou na profissionalização do futebol “a transição do amadorismo para o profissionalismo foi ajudada substancialmente pelo crescimento na divulgação do rádio em meados dos anos 30, assim como o jornalismo popular, na sua infância, acompanhara a rápida emergência do futebol como esporte nacional antes da primeira Guerra Mundial”.

Quando assumiu a presidência em meados de 1930, Getulio Vargas apresentou no seu Programa de Reconstrução Nacional, como um dos objetivos, a profissionalização do futebol. A cultura nesse período ficou marcada pela promoção do samba e do futebol como elementos fundamentais para uma nova definição de identidade nacional (ROSENFELD, 1993). Era o início do Estado Novo e o fim da Republica Velha.

Já profissionalizado até certo ponto, pois ainda se observava resquícios de amadorismo, em 1934, o Brasil atravessou o oceano rumo à Itália, e sua participação foi um fiasco, no primeiro jogo a derrota para a Espanha impediu o avanço do combinado nacional, no entanto para não perder a viagem os selecionados ficaram no continente europeu para promover o café brasileiro que estava em ascensão no velho continente (FRANCO JUNIOR, 2007).

Até o final dos anos 30 ainda se observava que o jogo de futebol e outras práticas esportivas ainda eram vivenciados como um exercício físico, como uma forma de adestramento e manutenção individual do corpo de acordo com as necessidades da vida moderna (CASTILHO, 2010). Essa disciplinarização do esporte fazia parte do Processo proposto pelo estado novo chamado “Revolução de 30”, no qual novas camadas assumem o poder e passa a reestruturar de novas formas o estado, a educação passa a ser vista diferente como um espaço estratégico para a consolidação do estado.

Nessa nova de significação o futebol ganhou uma grande importância (NEGREIROS, 2003).

Foi apenas nos anos 40 e 50 que o futebol passou a apresentar sua maior aceitação entre os torcedores. Isso se deve à intervenção getulista em promover ao futebol uma “segunda” profissionalização, que teve no processo de centralização e corporativização administrativa do esporte brasileiro. Além de abrir os campos para a imprensa dentro do esporte. Os meios de comunicação passaram a dar maior espaço para o futebol, possibilitando assim sua expansão e transformação em um esporte de massa. Getúlio Vargas percebeu o potencial do futebol e desde que tomou posse do governo nacional, o utilizou de alguma forma para ter mais controle do povo. A Copa de 38 da França é um exemplo disso, foi quando o Futebol começou a ser pensado como patrimônio nacional. O estado e a CBD passaram a criar estratégias para criar um laço entre a seleção brasileira e os torcedores, como se a vitória só viesse com o apoio incondicional dos brasileiros. A criação do Selo Nacional foi uma das formas de “responsabilizar” os torcedores pelo sucesso do combinado nacional, parte do dinheiro arrecadado na venda dos selos seria destinado para financiar a viagem, acomodação entre outras “necessidades” da seleção durante o período da competição. O Jornal paulista *A Gazeta* (1938, apud NEGREIROS, 2003) apoiava a comercialização dos selos e em uma das suas reportagens afirmou:

Adquirir o “selo” não é, pois, somente a esperança própria de se ir à Europa assistir o Campeonato Mundial, como também um ato patriótico para melhor servir o nosso ideal comum de vermos o Brasil atingir o posto supremo no futebol internacional que seria a conquista da “Taça do Mundo”!²

Estava se criando uma imagem que a seleção que viajava para a Copa da França, ia enfrentar uma verdadeira luta. Eram os representantes do nosso país. O terceiro lugar no mundial e o brilho do Diamante Negro foram considerados como uma vitória simbólica ao governo getulista. A instauração do Estado Novo tinha como um dos seus ideais a construção de uma identidade nacional mais forte e unificada, e o futebol era um grande contribuidor. Ele é inserido pelo governo getulista como parte da cultura do brasileiro, ele aproveita da paixão que se aflora entre o brasileiro e o futebol para injetar ele de vez no cotidiano nacional.

² Pode-se ir a Paris por 500 réis, *A Gazeta*, 06 abr. 1938, p. 9.

Em 1940 foi inaugurado em São Paulo o Estádio do Pacaembu. Um estádio que representava o tamanho da popularidade do futebol na época, um verdadeiro monumento e que também era compatível com as concepções das correntes desta época acerca do corpo e do esporte, enquanto meio de “melhoramento da raça”. Havia a necessidade de apresentar “... a capital paulista como símbolo e modelo do desenvolvimento econômico, entrelaçado aos avanços na Educação Física” (NEGREIROS, 2003, p. 146).

Durante os anos 40, a Copa do Mundo da FIFA não aconteceu devido a Segunda Guerra Mundial. Em 1948 a FIFA confirmou o Brasil como a próxima sede do evento que viria a acontecer em 1949, mas devido ao tempo³ passou para 1950. A Copa de 50 viria para afirmar o Brasil como nação civilizada e desenvolvida, para provar aos estrangeiros, principalmente ao primeiro mundo, e aos brasileiros nossa capacidade de promover grandes eventos e nos mostrar como uma nação evoluída. A construção do maior estádio até então existente, o Maracanã, e a possível vitória da seleção brasileira seria apenas a cereja deste grande bolo. A alta cúpula do governo promovia a perspectiva que aquele evento seria um marco na história do país e seria o primeiro passo para as grandes mudanças (FRAGA, 2009). Não apenas na capital federal, mas em todas as sedes do Campeonato Mundial (São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife) se cobrava uma apresentação de magnitude internacional.

Todavia, com a derrota do Brasil contra o Uruguai os planos foram por água abaixo, houve uma explosão de preconceitos e estereótipos, principalmente com o goleiro negro da seleção brasileira. Os Uruguaios passaram a chamar aquela final de *Maracanazo*, aquela derrota foi um golpe na autoestima do brasileiro no século XX (GILARDI, 2008). Após a Copa de 50 a confiança estava abalada e apesar do selecionado brasileiro sempre apresentar grandes equipes e já serem reconhecidos no mundo pelo estilo de jogo, os jogadores carregaram para a Suíça em 1954 a desconfiança e a cobrança da derrota de 50, e talvez por isso tenham voltado mais cedo para a casa, nas quartas de finais, derrotados pela Hungria que chegou a final, mas foi derrotada pela Alemanha Ocidental. No entanto, os próximos anos que estavam por vir firmariam o Brasil como o tal “País do futebol” e marcaríamos o futebol com nosso

³ A FIFA pediu um tempo maior para a realização da Copa para que os países europeus pudessem se recuperar da 2ª Guerra Mundial a tempo de participar do mundial.

estilo de jogo e craques cada vez mais habilidosos, marcando, então, uma identidade brasileira, uma maneira própria, específica, de jogar futebol.

3 IDENTIDADE NACIONAL

“Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam...”⁴

Identidade nacional conceito que indica a condição social e o sentimento de pertencer a uma determinada cultura. Logo, o que é ser brasileiro? O que determina que sejamos brasileiros? Nós temos uma identidade nacional?

Silva (2009) afirma que é comum as identidades nacionais apelarem aos mitos fundadores para se firmarem como símbolo de uma nação. Os mitos fundadores remetem a um momento crucial do passado, um acontecimento vitorioso, um ato heroico entre outros, mas quando não há estes “mitos”, ele se inventa, se imagina um motivo para se criar a identidade nacional, Benedict Anderson (2013) dá a isso o nome de “comunidades imaginadas” ação de criar um símbolo, motivo de identidade nacional.

Em um país tão grande e tão cheio de culturas, é difícil definir o que nos torna brasileiro, o que nos caracteriza como parte desta nação, e se existe algo que nos identifique. Todo brasileiro é brasileiro, no entanto, somos diferentes, por carregar consigo aquilo que foi herdado das nossas terras, famílias e da sociedade em que estávamos incluídos. Segundo Silva (2009) identidade define aquilo que é diferença aquilo que não é. Definir uma identidade parte do princípio de diferenciar alguma coisa ou alguém. O autor defende que identidade e diferença dependem uma da outra, ou seja, são inseparáveis. Portanto, definir uma identidade para um país tão cheio de diferenças parece ser improvável.

De acordo com Hall (1996, p.106) “no senso comum a identidade é construída a partir do reconhecimento de alguma origem em comum, ou de características partilhadas por um grupo”. No entanto, na abordagem discursiva se observa a identificação como algo em constante processo, ou seja, a identidade de um determinado grupo pode sempre estar se alterando. Logo, o Brasil é cheio de identidades. Assim, Bitencourt (2009, p. 176) afirma que “... tempo e espaço, vividos

⁴ Poema “Também já fui brasileiro...” – Carlos Drummond de Andrade, livro “Alguma poesia”, Ano 1930.

em diversas lógicas, não indicam de forma segura uma brasilidade, antes, afirmam o diverso, ou melhor, brasilidades”.

Ainda há outro aspecto relevante para pensar a identidade, quais sejam suas mutações, como afirma Hall (1996), pois as “nações” ainda definem sua identidade do modo mais convencional, ou seja, a identidade nacional de cada povo se manifesta através de praticas e símbolos que unem aquele determinado grupo em um ideal comum, principalmente no contexto de auto afirmação da nação. O esporte ao longo dos anos vem cumprindo esse papel de “formador” ou grande participante da construção da identidade nacional, no caso do Brasil, o futebol tem se caracterizado como a identificação do povo. Durante o século XX se criou uma relação tão forte entre o brasileiro e o futebol que muitas vezes fica difícil separar um do outro, somos reconhecidos por ser o “país do futebol”.

O Futebol acabou por se envolver em todas as vertentes deste país, na política, na cultura e na sociedade. Ganhou traços de formador de identidade nacional, em outras palavras, os brasileiros a partir dele – principalmente pela seleção brasileira – passaram a se enxergar como nação, tanto positivamente, nas vitórias, quanto negativamente, nas derrotas expulsando os “responsáveis” pelos fracassos (BITENCOURT, 2009). Guedes (1998) afirma que qualquer esporte é potencialmente capaz de acionar a identidade nacional, mas isso apenas se constrói devido aos êxitos obtidos pelo mesmo.

Observa-se esse sentimento de ser brasileiro patriota em período de Copa do Mundo, os meios de comunicação inundam nossos sentidos com este esporte tão apaixonante. É criado um nacionalismo forjado, não deixando imunes sequer àqueles que não gostam desse esporte. De acordo com Negreiros (2003) torcer pela seleção brasileira passou a representar o verdadeiro significado de ser brasileiro.

Durante a Copa do Mundo, o país vive um clima diferente, um clima de união, confiança e orgulho. A cada quatro anos o Brasil se cala e suas ruas esvaziam, o comércio muda seus horários, as casas se enfeitam com bandeiras tremulando nas janelas o sentimento de patriotismo, o ufanismo futebolístico é instaurado. Neste momento todos amam ser brasileiro, por um mês ou até que o Brasil seja eliminado da Copa, o sentimento é apenas de “... muito orgulho e muito amor!”. Gastaldo (2002) descreve o torcedor durante os seus 90 minutos mais brasileiros:

“Em frente a cada televisor ou rádio ligados, um grupo de brasileiros em silêncio escuta, calado, tenso, em transe, à espera do desenlace dos fatos do jogo. O ritmo da locução se acelera, acompanha a velocidade da bola distante até o país do futebol com a velocidade da luz. Correndo ainda mais, a bola e os pés que a controlam invadem o território adversário, avançam até o final do campo. Um chute rente à linha de fundo desvia a trajetória da bola rumo ao goleiro adversária, por sobre os defensores, no mesmo momento em que um jovem alto, forte e veloz mergulha sobre a trajetória do chute, colocando, com uma cabeçada fulminante, a bola no fundo das redes adversárias. Os jogadores, locutores e a torcida num estádio do outro lado do Atlântico, e, com a velocidade da luz, cada torcedor brasileiro em frente a cada televisor ou rádio em cada apartamento, casa, escritório ou bar solta a voz e grita em uníssono: GOOOOOOOOOOOOOOOOOOOLLLLLL!!!!”

Esse sentimento que aflora nos brasileiros durante a Copa se deve talvez a fuga da rotina diária através do jogo, tão apaixonante que aborda Johan Huizinga (1971), onde o autor salienta o fato do jogo, ao ser circunscrito a um lugar e um tempo delimitados, constituir-se como um evento que se destaca da “realidade” da vida cotidiana, introduzindo “na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada” (1971: 13, apud GASTALDO, 2002). “Esses momentos de transe e êxtase nacional são raros, fugazes e, por isso mesmo, preciosos” (GASTALDO, 2002).

Em 1950, o Brasil passava por um processo de construção da identidade nacional, pois traça a passagem do passado colonial para o mundo urbano-industrial. Quando foi escolhido como sede da Copa de 50, o Brasil passava por um processo de transição, do Estado Novo (1937-45) de Getúlio Vargas para o governo do General Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) (BANCHETTI, 2011), era iniciado o período da Segunda Republica. e o evento da FIFA naquele momento era parte importante para mostrar o poder da nação brasileira, e a confiança no selecionado brasileiro reforçava mais ainda esse poder. Segundo Costa (2012) a seleção brasileira se firmava como “metonímia” do país, e então, passava a ser compreendida como uma entidade capaz de admitir uma série de valores e características positivas consideradas como próprio do brasileiro. Logo, essa sobrecarga de significados, esclarece os motivos pelos quais tanto uma vitória quanto uma derrota podem ganhar tamanha repercussão. De acordo com Da Matta (1994) o futebol se tornou um “instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira”. Isso talvez explique a tragédia que foi criada com o Maracanazo em 1950.

Muitos autores tentam explicar o porquê do futebol estar tão integrado a vida do brasileiro e ser sinônimo de “ser brasileiro”. Byington (1982) diz que a

capacidade do futebol de proporcionar ao povo, sobretudo aos pobres, a experiência de vitória, de êxito. Fazendo com que sintam que seu desempenho como torcedor também foi favorável a aquela conquista. O futebol proporciona a experiência de igualdade e justiça, pois o mais capaz foi o vitorioso. Damo (2002) conclui que o futebol se identifica tanto com o brasileiro por expressar as diversidades regionais, as hierarquias socioeconômicas e as diferenças étnicas, em se tratando de “estilos de futebol”. E o “estilo de futebol” brasileiro representa bem o estilo de vida, o jeitinho, a ginga, a malandragem, que destaca a estratégia de sobrevivência de um povo (KRAUSE, 2010).

As nações se constroem através da sua história, principalmente em contextos que o país saia vitorioso, talvez esse seja um dos motivos que fez com que o futebol se tornasse símbolo do nacionalismo brasileiro, pensando que não temos uma história de grandes lutas, guerras e possíveis heróis e vitórias.

4 POLÍTICA NO BRASIL: PORQUE DA COPA DO MUNDO DE 1950 NO PAÍS?

“Pode-se entrever o que isso irá significar para nós, nesta época em que o esporte brasileiro lança-se entusiástica e positivamente no cenário internacional: para aqui convergirão as atenções de milhões de torcedores do mundo!”⁵

Naquele cenário, o Brasil era um país sem glória, recém-saído de uma ditadura. Logo, trazer a Copa para cá foi uma estratégia para fortalecer o sentimento de paixão e identidade nacional, além de traçar o Brasil no mapa dos países em desenvolvimento e uma grande potência. Desde os anos 30 o Brasil demonstrava interesse em sediar uma Copa do Mundo. O que mais seduziu o Governo Vargas, era o envolvimento da sociedade ao redor desses grandes eventos, pensando que naquele momento o país estava prestes a passar por um golpe de Estado Novo (BANCHETTI, 2011). Assim, logo após a Copa de 38 o governo Vargas foi em busca da possível Copa de 42, mas foi barrada por uma guerra que eclodia no mundo e viu seu sucessor realizar o seu desejo anos depois.

A copa de 50 marcava um novo início para o futebol no país e na história das copas. Foram 12 anos sem ver a bola rolar, desde a Copa de 1938 na França, o futebol mundial se viu obrigado a parar. A pouco menos de 5 anos a Segunda Guerra Mundial havia terminado, e países como Alemanha e Itália passavam por um grande processo de reconstrução, que não envolvia apenas questões estruturais e econômicas, mas também uma reconstrução social de maneira mais ampla. A Europa naquele momento não tinha interesse em sediar um evento de tamanha magnitude, assim o Brasil foi o único candidato a sediar o mundial pós-guerra. Em 1946 foi escolhido sem qualquer objeção, no entanto o Mundial que deveria ser em 1949, foi adiado por mais um ano a pedido da FIFA para possibilitar que os países europeus se recuperassem da II Guerra Mundial a tempo de participar do mundial.

O futebol já era o esporte que mais movimentava as massas no mundo, e no Brasil já havia se firmado como paixão nacional. O clima instaurado no país para aquela copa era de paixão, confiança e um ar de “já ganhou”. Segundo o antropólogo Roberto Da Matta (1982, p.31):

⁵ Manchete do Almanaque do Correio da Manhã de 1950.

“[...] Primeiro, ela é talvez a maior tragédia da história contemporânea do país. Porque implicou uma coletividade e trouxe uma visão solidária de perda de uma oportunidade histórica. Segundo, porque ela ocorreu no início de uma década na qual o Brasil buscava marcar o seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir.”

Como o Brasil não teve participação significativa nos conflitos durante a Segunda Guerra Mundial, ao contrario dos países europeus que estavam devastados e passando por uma forte reconstrução. O Brasil estava em pleno desenvolvimento de suas indústrias, um passo importante na busca pelo seu lugar no “primeiro mundo”. Logo, sediar um evento da magnitude da Copa do Mundo era o feito perfeito para um país que buscava a afirmação nacional e internacional. Além da construção da imagem do Brasil como uma potência, um país em desenvolvimento, trazer a copa ao território nacional também tinha como objetivo a afirmação do Brasil como a nação do futebol arte e melhor do mundo. A construção do Maracanã veio para coroar esses objetivos, O Brasil potência. Logo, o tamanho do Maracanã descrevia aonde o Brasil queria chegar como nação e após a derrota, representava o tamanho da dor e o fracasso que os brasileiros sentiam.

Com a vinda da Copa para o Brasil, o país seria exposto para o mundo. Jornalistas, torcedores, pessoas de todo o mundo viriam para ver e desfrutar da Copa do Mundo, ainda que em números não se possa comparar com a globalização atual. O Futebol e a Copa do Mundo já apresentavam números significativos. Eram os primeiros sinais do que se tornaria o futebol. Para aproveitar a exposição e os investimentos a serem colocados, muitas cidades brasileiras disputaram entre si a chance de sediar ao menos um jogo do mundial (FRAGA, 2006). O Brasil estava se preparando a altura do evento, mesmo apresentando atraso em grande parte das obras.

Com a relação do brasileiro cada vez mais estreita com o futebol, principalmente após o mundial de 38, com a copa do mundo em casa era o momento perfeito para fortalecer os laços do país com os brasileiros, afirmando a unidade nacional (FRAGA, 2006). A construção iniciada no Estado Novo (1937-1945) por Getúlio Vargas permanecia no Governo Dutra, pois ter o povo unido e próximo não fazia mal algum.

Benedict Anderson (1989) coloca que esse sentimento unificado leva a uma nação enquanto “comunidade imaginada”, o autor explica que podemos não saber quem

são as pessoas que compartilham do mesmo sentimento, mas somos “iguais” por sermos brasileiros e manifestar as mesmas sensações.

Ademais dos objetivos de se trazer a Copa ao Brasil, naquele mesmo período as eleições presidenciais se aproximavam e estavam marcadas para 3 de outubro, portanto realizar “A” copa perfeita para o mundo e para a nação seria um passo para a vitória, no entanto a vitória que consolidaria isso seria em campo, e a seleção não o fez. A copa do mundo serviu de “cabo eleitoral” a muitos candidatos naquela época, o Brasil girava em torno do Mundial. Os jogadores principalmente próximo ao grande jogo foram inundados por discursos políticos, visitas eleitorais “de apoio” a nossa seleção, presentes, promessas entre outras bajulações que pudessem de alguma forma acarretar votos aos candidatos (GILARDI,2008).

Talvez a confiança que exalava em todo o território nacional e essa intromissão política impediu o sucesso do selecionado nacional dentro de um Maracanã monumental lotado com mais de 170 mil pessoas impulsionadas pelo sentimento de paixão e patriotismo. Mais de 170 mil, grande parte brasileiros, levados pelo mesmo sentimento, choraram e silenciaram o maior estádio do mundo, silenciaram o sonho do Brasil de ser grande. José Lins do Rego descreve em sua crônica “A derrota”, e um pequeno ensaio, “O caráter do brasileiro”, sobre o fracasso de uma seleção, não apenas em campo, mas um fracasso de uma nação, a auto estima do brasileiro caiu mais uma vez:

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. Aquilo me doeu no coração. Toda a vibração dos minutos iniciais da partida reduzidos a uma pobre cinza de um fogo apagado. E, de repente, chegou-me a decepção maior, a ideia fixa que se grudou na minha cabeça, a ideia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que nada têm que esperar, seria assim o alimento podre dos nossos corações. (REGO, apud HOLLANDA, 2003)

Logo, todos os planos de mostrar um país com potencial e capaz se perderam dentro das quatro linhas, apesar de haver realmente o resultado de um belo campeonato, a derrota para o Uruguai gerou uma comoção nacional tão grande que fez com que se esquecesse de qualquer outro feito durante aquele mundial. A dor de perder em casa foi maior que um Maracanã inteiro.

5 A ORGANIZAÇÃO DA COPA DO MUNDO DE 1950

Com o desejo de se firmar como uma nação em desenvolvimento, capaz de organizar um evento da magnitude de uma Copa do Mundo, o Brasil se esforçou para fazer o melhor mundial até então realizado. Com a popularização do futebol no últimos anos o país já apresentava diversos estádios capazes de serem utilizados durante o mundial e responderem as exigências da FIFA, que ao contrario de hoje exigia pouca coisa, a principal exigencia era estádios com capacidade para mais de 20 mil expectadores.

Nunca houve um planejamento para a Copa do Mundo, tanto para a construção dos estadios, projetos de infraestrutura e a propria organização quanto a tabela de jogos e logistica de deslocamento das seleções. O comitê organizador era composto pelo gaúcho Sotero Cosme, que era violinista e considerado um dos principais desenhistas do Brasil nas décadas de 20 e 30 e diplomata. Junto a ele se unia o italiano Ottorino Barassi e do inglês Stanley Rous, ex-árbitro e que presidiria a FIFA entre 1961 e 1974, teve a missão de organizar um Mundial pela primeira vez após a Segunda Guerra (RIZZO, 2012).

Os estádios já construídos passaram apenas por ajustes, como foi o caso do Pacaembu, mas como uma das características da organização do mundial era grandeza, a construção do Maracanã foi pleiteada pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra e o prefeito do Rio de Janeiro, naquele período capital Federal, o Sr. Angelo Mendes de Moraes. Mario Filho, jornalista do Jornal dos Sports do Rio de Janeiro, executaria papel importante para a promoção da construção do Monumental Maracanã. A construção de um estádio tão singular era um dos projetos herdados do antigo governo para fortalecer o sentimento nacionalista, buscando afirmar a partir do Maracanã um Brasil forte e unido pela pátria (BANCHETTI, 2011).

A construção do Maracanã foi visto com certa desconfiança por muitos políticos, jornalistas e pelos proprios brasileiros. Era uma obra muito grande para ser realizada em tão pouco tempo, e também muitos questionavam o porque de se construir um estádio tão monumental como aquele. Dois nomes se apresentaram com grande importância para o maciço apoio nacional a construção daquele novo templo do futebol, Ary Barroso e Mario Filho foram personagens importantes na campanha pelo Maracanã,

o segundo tão importante que o estádio foi rebatizado em 1966 em sua homenagem (GUTERMAN, 2009).



Figura 1 Estádio do Maracanã em 1950

Logo, que o Brasil foi escolhido como sede da Copa do Mundo, as cidades então escolhidas como sede buscaram se estruturar para se apresentar bem ao mundo. São Paulo foi uma das cidades que mais tentou se reformular para receber os turistas estrangeiros e uma das mais criticadas, guiada pelo então prefeito Lineu Prestes as obras paulistanas não andavam e deixaram a cidade com um ar de “bombardeada” como afirmava a manchete do jornal *A Gazeta*⁶. Duas cidades foram escolhidas apenas dois meses antes, Porto Alegre e Recife. Logo, o tempo para algum preparo especial era mínimo. No Recife, os próprios sócios do Sport Club do Recife se uniram para reformar o Estádio da Ilha do Retiro, que ao final recebeu apenas uma partida, enquanto o Estádio dos Eucaliptos em Porto Alegre recebeu dois jogos. Naquela época, o Brasil foi um exemplo de infraestrutura e instalações para o mundo, mesmo terminando as poucas obras requeridas pela entidade em cima do prazo, o próprio Maracanã foi entregue inacabado.

O Mundial durou menos de um mês, entre os dias 24 de Junho e 16 de Julho de 1950. Foram realizados 22 jogos e os jogos aconteceram em 6 cidades diferentes: Belo Horizonte (Estádio Independência), Curitiba (Vila Capanema), Recife (Ilha do

⁶ A Gazeta. 22 de Maio de 1950, p. 20.

Retiro), São Paulo (Pacaembu), Porto Alegre (Estádio dos Eucaliptos) e Rio de Janeiro (Estádio do Maracanã). Ao contrário de hoje, naquela época a FIFA não tinha um caderno de encargos repleto de exigências para a realização da Copa, ela apenas exigia estádios com arquibancadas para no mínimo 20 mil torcedores e alambrados, cabines para a imprensa e autoridades, e que os túneis dos vestiários ligassem diretamente ao gramado.

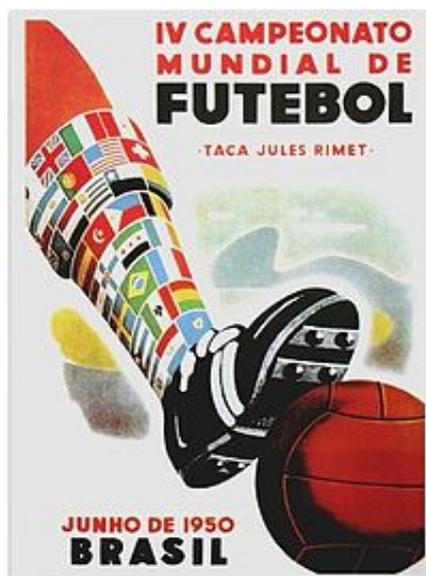


Figura 2 Cartaz Promocional do IV Campeonato Mundial de Futebol de 1950.

Viajaram até o Brasil para participar do mundial de futebol cerca de treze seleções, entre elas: Seis europeias (Itália, Suécia, Suíça, Espanha, Iugoslávia e Inglaterra), cinco sul-americanas (Brasil, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai) e duas norte-americanas (Estados Unidos e México). Inicialmente seriam 16 equipes, sendo assim 4 grupos de 4 seleções, entretanto Escócia, Índia e Turquia desistiram mesmo depois de terem conquistado a vaga, outras seleções foram convidadas, mas não aceitaram participar. Entre elas a seleção da França se negou a vir caso os jogos do seu grupo não mudassem, os franceses alegavam que a logística dos jogos era impossível devido ao grande deslocamento a realizar. A Alemanha dividida e ocupada ainda estava suspensa de eventos esportivos (FRANZINI, 2010). Já os vizinhos argentinos alegavam problemas internos na sua seleção. Os brasileiros interpretaram a ausência argentina

como uma afronta e falta de apoio ao Brasil, com isso se negou a apoiar o vizinho nas suas próximas tentativas para ser sede do mundial (BANCHETTI, 2011)

Apesar de ausências importantes, outras seleções de renome confirmavam sua vinda ao Brasil como a Inglaterra, berço do futebol, participaria pela primeira vez de um Mundial de Futebol. Outra seleção que viria ao Brasil era a vizinha, bicampeã Olímpica e campeã da primeira Copa em 1930, o Uruguai a conhecida “Celeste Olímpica”. A Itália, grande aliada da Alemanha na segunda guerra, viria a Copa, mesmo passando por uma reestruturação em seu país, mas o que mais marcava essa seleção era a tragédia que matou 8 de seus principais jogadores que faziam parte da equipe do Torino⁷.

A tabela de jogos foi organizada com menos de um mês antes do início da Copa, em 22 de Maio de 50. Assim, as seleções foram organizadas em quatro grupos sendo: 2 grupos de 4 equipes (Grupo 1: Brasil, Iugoslávia, Suíça e México; Grupo 2: Espanha, Inglaterra, Chile e Estados Unidos), 1 de 3 equipes (Grupo 3: Suécia, Itália e Paraguai) e 1 grupo com apenas 2 equipes (Grupo 4: Uruguai e Bolívia). O 1º de cada grupo iria disputar um quadrangular final onde todos jogariam contra todos. A primeira discussão quanto à distribuição das seleções foi quanto ao grupo 4 que só havia duas equipes, sendo que havia dois grupos com 4 seleções. Outro ponto abordado foi o favorecimento a seleção brasileira, já que a mesma jogou quase todos seus jogos no Rio de Janeiro, sendo apenas um em São Paulo (PERDIGÃO, 2000)

Inicialmente, o Brasil não se preocupava com a vitória dentro de campo, o que mais importava era mostrar o país para o mundo e para os próprios brasileiros, transformar aquele momento onde o patriotismo fosse à razão para o movimento. Banchetti (2011) disse:

A obrigatoriedade não estava na conquista da Taça Jules Rimet (o desejado troféu destinado ao vencedor da Copa do Mundo), mas na promoção de um grandioso evento, que antes de tudo, fosse considerado um primor na organização. Essa era a meta principal. A própria elaboração do regulamento do torneio, fornece o apoio necessário para tal afirmação, pois percebe-se o empenho dos dirigentes brasileiros no sentido de promover ajustes que julgavam necessário para melhoria do evento. [...]

⁷ A equipe do Torino sofreu um acidente aéreo voltando de um amistoso com o Benfica, em Lisboa. Cerca de 31 passageiros estavam na aeronave, todos morreram após o choque do avião com a Basílica de Superga em Torino em 4 de Maio de 1949, o acidente ficou conhecido como Tragédia de Superga.

Pelo processo de transformação que o país passava, a Copa do Mundo de 50 permitia que se utilizasse do futebol e a seleção brasileira como forma de discussão e símbolo de uma nação como agente transformador dessa mudança. Desde que foi anunciada no Brasil, o IV Campeonato Mundial de Futebol foi utilizado como forma de afirmar uma nação, vencer dentro do monumental Maracanã seria apenas o marco principal do sucesso que o governo procurava. Diante disso, perguntamos como a imprensa brasileira, em específico, em São Paulo e Rio de Janeiro, colaboraram ou não para a construção dessa identidade unificada e nacional.

5 COPA DE 1950

“Jamais vi em minha vida um povo tão triste quanto o brasileiro após aquele jogo. Foi de arrepiar”.

- Ghiggia⁸

O Mundial de 50 vinha para marcar o lugar do Brasil no mundo. Assim como o governo anterior, o governo de Eurico Gaspar Dutra procurou utilizar um evento esportivo de repercussão internacional para exibir o Brasil, tanto para os brasileiros, quanto para o mundo como uma potencia em ascensão, um país capaz e confiável para se fazer negócios (BANCHETTI, 2011).

Nota-se por meio dos jornais que o principal ponto abordado por era a cerca da questão do turismo no Brasil, mostrar o país aos visitantes estrangeiros era uma forma de apresentar o país como uma nação prospera como é apresentado na *A Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro:

Turismo é propaganda, é movimento nacional de todos os países do mundo no sentido de tornar conhecidos os seus costumes, os seu hábitos continentais e regionais, as suas inclinações artísticas e, principalmente, e sua vocação para participar de todas as atividades altruísticas e supernacionalistas da convivência internacional. [...] Estamos, no ano corrente, diante de uma oportunidade que deve e pode marcar o inicio do turismo no Brasil [...] (Turismo..., 1950, p.3)

Logo, aquela copa deveria ficar marcada como a maior e melhor até então, para isso o Brasil decidiu construir o maior estádio do Mundo, o Maracanã que poderia receber até 200 mil pessoas. Assim, em 16 de Junho de 1950, dias antes do inicio da IV Copa do Mundo o Maracanã foi inaugurado e o inicio da sua historia foi registrada de maneiras diferentes pelos jornais dos dois principais estados do país e grandes rivais no período, Rio de Janeiro (*A Gazeta de Noticia*) e São Paulo (*Jornal de Noticias*). *A Gazeta de Noticias* destacava uma página toda para a inauguração do monumental estádio sem conter os elogios:

O acontecimento do dia de ontem foi a inauguração do estádio Municipal ou melhor, a utilização da majestosa praça de esportes, pela primeira vez, numa partida de futebol. O público começou a afluir para o Gigante do Maracanã a partir das 12 horas uma vez que era intensa a curiosidade da massa em torno

⁸ Ghiggia, O Globo, 11 de Janeiro de 1982.

da grandiosa obra que constitui um dos mais justos orgulhos dos desportos nacionais. [...] (Vibração..., 1950, P.16)

No *Jornal de Notícias* a empolgação era mais contida, a grandeza do Estádio Municipal construído na capital do país era lembrado, mas sem grandes adjetivos.

Uma grande multidão compareceu esta manhã as dependências do estádio que a prefeitura construiu para a Copa do Mundo. Às 9 horas em ponto, o presidente da República general Eurico Gaspar Dutra, inaugurava o maior estádio do mundo, com a presença de todo o mundo oficial do país, ministros de estado, parlamentares, altas figuras da indústria e do comércio e enorme público que teve os portões franqueados. [...] (Notícias do Rio, 1950, p.7)

A rivalidade entre paulistas e cariocas de certa forma contava a história daquele mundial, e nessas rivalidades nasciam as maiores comparações e cobranças. Naquele período a rivalidade entre paulistas e cariocas ditava o futebol nacional. O Técnico do selecionado nacional era Flávio Costa, também treinador do Vasco da Gama. Este nunca foi unanimidade, principalmente em São Paulo. Inicialmente, ele convocou cerca de 30 jogadores, mas apenas 22 seriam selecionados para defender o Brasil no Mundial. Sendo oito jogadores do Vasco da Gama, o que causou uma reação de descontentamento entre os paulistas. O *Mundo Esportivo* de São Paulo, o jornal mais crítico do selecionador Flávio Costa, não deixou de demonstrar seu descontentamento:

Flavio nunca foi, e jamais será um homem que transija ou que escolha a rota comum do pensamento da maioria. Sangra a cabeça de tanto batê-la, mas não cede os argumentos da razão e da realidade. [...] O que foi feito, está feito! Lista de jogadores inscritos. Autonomia absoluta. Critério prejudicial, porém uno, intocável, ereto, sem a mais remota possibilidade de ser alterado em benefício de um melhor êxito do Brasil. Que fazer? Aceitá-lo.

[...] Particularmente, aos paulistas pedimos: quarta-feira todos precisam incentivar os brasileiros levando-os a um triunfo memorável. São Paulo tem agora a missão. A missão de tornar mais grande o Brasil. (Nossa Opinião, 1950, p.2)

No dia 24 de Junho se deu início o IV Campeonato do Mundo de Futebol organizado pela FIFA. Era uma verdadeira festa e então presidente da FIFA Jules Rimet e o presidente do Brasil Eurico Dutra estavam no Maracanã, centenas de balões e pombas brancas voavam pelo céu do Rio de Janeiro. O Brasil estreou contra o México e fez a alegria dos mais de 80 mil torcedores que estavam presentes no Maracanã vencendo os mexicanos por 4 a 0, gols de Ademir (2), Jair e Baltazar. O *Jornal de*

Noticias começava a reportagem sobre o jogo pontuando sobre o espetáculo que se formou no monumental Estádio Municipal.

Espectáculo Magnífico presenciou o publico carioca ontem, no Estádio do Maracanã, na abertura da IV Copa do Mundo. Antes da realização do cotejo entre os selecionados representativos do Brasil e do México, que marcou o início da maior festa do futebol mundial, tiveram lugar varias solenidades. [...] (Venceram os..., 1950, p.14)

Na segunda rodada enfrentou a Suíça no Pacaembu. Um jogo rodeado de ações políticas, já que os paulistas exigiam um jogo do selecionado nacional no seu território. E como forma de apaziguar os ânimos, o Técnico Flavio Costa escalou um time que jamais havia treinado junto, entre eles todos os paulistas convocados. O Brasil encontrou dificuldades, empatando em 2 a 2. A apresentação da seleção foi tão ruim que os jogadores saíram vaiados de campo e o resultado foi considerado uma vergonha.

Na última rodada da Primeira Fase, a seleção voltaria ao Maracanã, com mais de 160 mil torcedores, e bateria a seleção da Iugoslávia por 2 a 0. No quadrangular final o Brasil enfrentaria em sequencia: Suécia, Espanha e Uruguai. Vencendo os dois primeiros com placares expressivos e um futebol convincente, 7x1 e 6x1 respectivamente, os mais de 150 mil torcedores presentes no novo “templo” do futebol, o Maracanã, vibraram com as apresentações brasileiras e mais que nunca apresentavam otimismo para enfrentar o Uruguai no último desafio daquele mundial que ficaria marcado para sempre.

O Brasil ia para o jogo com a vantagem de com um simples empate a taça ficaria em casa. O clima era de já ganhou, o otimismo estava instaurado nos brasileiros. Os jornais da época já estampavam em suas manchetes e com letras garrafais, “CAMPEÕES DO MUNDO”. A Gazeta de Noticias (1950, p.6-7) do Rio de Janeiro, um dia após a vitória contra a Espanha estampava “Tarde gloriosa para os brasileiros a um passo da consagração”, “Brasil! Brasil! Do Maracanã sairá o campeão do Mundo!”. O *Mundo Esportivo* fortalecia a ideia de como o selecionado nacional fortaleceu os sentimentos da nação.

O Brasil tornou-se, agora, um candidato desses que tomam conta das preferências do povo. Ninguém mais duvida que estejamos na brecha da conquista do titulo Mundial. Tudo se transformou. O Ambiente é, hoje, de absoluta confiança. (Vamos, Brasil! 1950, p. 8-9)

No dia 16 de julho, o Maracanã recebeu o maior público de uma Copa do Mundo, na sua grande maioria brasileiros, estavam lá para presenciar a final da Copa do Mundo e ver o Brasil campeão. O primeiro tempo foi marcado pela ótima defesa uruguaia que impediu que os atacantes brasileiros “levassem o Maracanã abaixo”. Os uruguaios usavam da sua característica mais conhecida, a raça, para impedir o avanço dos brasileiros e partir em busca do gol. Já no segundo tempo, Friaca logo no primeiro minuto fez todo o estádio cantar e dançar de alegria, estávamos com uma mão no título. Obdulio Varela “El Grán Capitán” uruguaio logo após o gol colocou a bola embaixo do braço e levou até o centro do campo para o reinício da partida, de certa forma querendo mostrar a sua equipe que o Uruguai podia vencer aquele jogo (AQUINO, 2002). E seria de Varela que iniciaria a jogada para o gol de empate do Uruguai. Passe para Ghiggia que graças a sua velocidade passou por Bigode sem dificuldade e cruzou para área, onde Juan Schiaffino marcaria.

Após aquele gol os torcedores viam o sonho escapar pelas mãos e os jogadores em campo, estavam paralisados, não souberam reagir depois do gol uruguaio e não demoraria para o Uruguai marcar o segundo e devastador gol. Ghiggia seria o nome a ser lembrado para sempre pelos brasileiros. A bola entrou entre a trave e o goleiro Barbosa, um gol que o tornou inesquecível e “vilão” da derrota. O Maracanã silenciou, os torcedores começaram a ir embora, a festa havia acabado. Era como se alguém tivesse morrido, o Maracanã chorava em silêncio.

Logo, os vilões foram apontados e julgados (para sempre!), os erros foram enumerados e a tragédia escrita. Foi depois daquele jogo que se explodiu as até então sacramentadas diferenças raciais e sociais. Barbosa, o goleiro e Bigode, o zagueiro foram massacrados e culpados pela derrota, e os seus julgamentos se baseava apenas na cor deles. O maior fracasso Brasileiro em Copas até então⁹ foi em casa e foi doida, para nunca se esquecer.

⁹ O Brasil voltou a perder em casa, na Copa de 2014, a seleção perdeu de 7x1 para a seleção da Alemanha, que viria ao final se consagrar campeão da Copa do Mundo.

6. O NACIONALISMO E A MÍDIA NA COPA DE 1950

Há certo tempo nota-se o quanto a Copa do Mundo se tornou um evento significativo não só no Brasil, mas em muitos países e como esse evento se tornou um dos últimos redutos do nacionalismo no mundo moderno, portanto, talvez seja um dos espaços onde ocorra a maior produção da identidade nacional de um determinado povo (GASTALDO; GUEDES, 2006).

As competições esportivas ganharam importância por essa razão, sua capacidade de acentuar o sentimento de nacionalismo não apenas do país sede mais também daqueles que participam, pois de alguma forma todos querem afirmar suas capacidades e sentimento de amor a pátria. Tanto as olimpíadas, quanto a Copa do Mundo unem as pessoas numa cultura popular global de ídolos e equipes, onde estes são mais conhecidos que os políticos, intelectuais ou qualquer outra pessoa que represente de certa maneira o país e não seja um atleta. Qualquer brasileiro que viaje ao exterior certamente vai ser interrogado a respeito de Pelé por pessoas que certamente não sabem onde o Brasil fica (LEVER, 1984, apud KRAUSE, 2009).

No Brasil, como já citado neste trabalho um dos primeiros momentos em que o futebol e a Copa do Mundo passaram a ser realmente utilizado como uma forma de unir o povo, uma maneira de afirmação da identidade nacional foi durante a Copa de 38 na França. E o terceiro lugar daquele mundial só fortaleceu o otimismo do país quanto à vitória na Copa de 50 em casa com toda a torcida a favor. A Copa de 50 era o momento do Brasil e dos brasileiros, o país buscava a partir da realização do mundial vender sua imagem de nação em pleno desenvolvimento, uma potência, organizada e com um povo unido e convicto da sua pátria. O Maracanã era o símbolo maior desse poder. O Governo do Presidente Dutra utilizava de certa forma das mesmas artimanhas políticas do governo anterior de Getúlio Vargas, o desejo da Copa do Mundo, o evento como vitrine internacional e a busca da unidade nacional.

O Brasil nunca foi um país de guerra e heróis, não tinha até aquele momento algo representativo da sua capacidade como nação, algo que marcasse e o mostrasse para o mundo. Após a Copa de 38, o futebol ganhou um significado simbólico, passou a ser tratado como a imagem mais representativa e que poderia em breve trazer a vitória para um país sem glórias. O ufanismo futebolístico dava seus primeiros passos. O

Maracanã era o símbolo concreto do orgulho da nação capaz, possível potencia mundial. A seleção brasileira era os, até então, heróis, os soldados vestidos de branco e representantes da nação orgulhosa. Hilário Franco Junior (2007, p.235-236) disse:

Futebol é uma guerra simbólica. “Seu caráter guerreiro transparece em diversos indícios. A linguagem usada nele tem expressões significativas, como ‘matar a bola’, ‘matar a jogada’ ou ‘matar o jogo’. O jogador encarregado de fazer a maior parte dos gols da equipe é o ‘artilheiro’, ‘o matador’, o carrasco dos adversários”. O representante do time junto ao arbitro é conhecido por uma patente militar, “capitão”. Certos futebolistas, devido a disposição mostrada durante as partidas, ganham o apelido de “guerreiro”, outros em razão de sua força física são chamados de tanque [...]. A própria partida é “confronto”, “duelo”, “embate”, “peleja”.

No Periódico carioca, *Sport Ilustrado* fica clara esse contexto do Futebol como uma guerra simbólica, quando o mesmo descreve a participação da seleção brasileira em solo francês quase como a batalha de uma guerra em que seus soldados honraram a pátria amada.

Como se sabe, os nacionais adotando naquela época como arma essencial a nunca desmentida fiana e combatividade que caracteriza a personalidade do nosso atleta, realizou uma campanha digna de todos os louvores, a despeito dos inúmeros fatores adversos com que lutamos durante a árdua e memorável jornada. (O Brasil..., 1950, p.3)

Os brasileiros estavam vivendo aquele mundial não apenas pelo futebol, eles estavam esperando a vitória que consagraria um país que de certa forma, enfim, teria uma cara, uma identidade que o definiria para todo mundo. O Maracanã foi construído através do orgulho nacionalista dos brasileiros. O monumental estádio era o palco da festa, da consagração da nação. A *Gazeta de Notícias* enaltecia o feito, em seus termos:

Uma festa de inteligência e de músculos, porque se ali estavam os orientadores da monumental construção também não se encontravam ausentes os que a realizaram na batalha energética do labor de vinte e quatro horas consecutivas. Em todos os lábios, porem o que se podia ver era um sorriso de satisfação – carteira de identidade de uma felicidade íntima. [...]Que Maracanã venha a ser o trampolim da nossa consagração. E ao mesmo tempo de uma consagração limpa, clara sem subterfúgios. Nossos hospedes já chegaram! (Placard, 1950, p.12)

Em 1950, a grande mídia era representada pelos jornais impressos e pelas rádios. O futebol já era maioria nas paginas dos jornais, mas ainda não era uma

unanimidade. E isso se reflete com a seleção brasileira que perdia espaço para as notícias das equipes nacionais ou outros esportes. Com a realização da mesma no Brasil, o futebol passou a ganhar mais espaço, mas ainda se observava que as notícias ainda eram pequenas, superficiais e muitas vezes de cunho regionalista. A rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro ditou as informações da seleção brasileira e sobre a Copa de acordo com o interesse de cada estado. O *Sport Ilustrado* do Rio de Janeiro destaca a rivalidade entre os dois estados que buscavam ser o centro do futebol nacional, no entanto essa relação atingia negativamente a seleção nacional.

Senhores da imprensa especializada: não era este o momento para se levantar a questão “bairrista”, que somente é interessante para criar rivalidade nos campeonatos brasileiros de futebol, a fim de despertar maior interesse pelos jogos interestaduais! O que está em jogo é o renome esportivo do Brasil, e não do Distrito Federal nem de São Paulo. [...] Não interessa o local de registro de nascimento de cada jogador do futebol paulista são todos brasileiros. Isso Basta! (KLEYMAN, 1949. p. 4)

Franzini (2010, p. 243) é enfático ao afirmar sobre os jornalistas que “faziam” aquele Mundial:

Ainda os jornalistas esportivos, pelas suas colunas, fazem a necessária doutrinação com o intuito altruístico de se alcançar o objetivo desejado. Tudo tem sido feito, e por fim, até o público, este imenso público esportivo brasileiro, já está preparado, sob todas as formas, para assistir ao grande certame no qual estará em xeque o título máximo do futebol mundial.

Prestes a estrear o *Mundo Esportivo* frisava que mesmo despreparada, o jornal era um dos maiores críticos do treinador Flávio Costa, os brasileiros deviam vestir a camisa e apoiar o selecionado nacional:

.

Histórico dos preparativos dos brasileiros para a copa do mundo – os inúmeros erros agora devem ser esquecidos. Vamos estimular os nacionais para que colham uma atuação a altura das mais altas tradições do nosso futebol – As questões táticas. (BRAZ. 1950. p.6)

A *Gazeta de Noticias* estampava com letras garrafais a manchete “‘Slogan’ da Torcida: Tudo pela vitória da seleção brasileira”. Logo abaixo outra frase com letras maiúsculas “Torcedor amigo: Vamos bater palmas! Não podemos perder esse jogo!”, as

grandes estampas eram para dar ênfase ao jogo decisivo do Brasil contra os Iugoslavos no Estádio Municipal.

Os jogos durante o mundial eram uma espécie de termômetro desse nacionalismo instaurado, na vitória contra os mexicanos, a goleada satisfez os brasileiros que acompanharam o match, logo podia se observar o prazer, a alegria e o orgulho dos brasileiros após o 4 a 0 sobre a seleção do México. Ao contrário do que se viu em São Paulo, quando o selecionado nacional apenas empatou contra a Suíça e os brasileiros se lamentavam e se via o pessimismo quanto à classificação. Na última rodada da Fase de Grupos o Brasil voltou ao Rio de Janeiro e o otimismo voltou a estar presente. Nas finais o Brasil foi avassalador. No jogo contra a Espanha ninguém imaginava uma vitória tão gigante sobre os espanhóis, o Mundo Esportivo enaltecia o sentimento do estádio:

[...]o Maracanã superlotado, porque o entusiasmo que dominava os brasileiros emanava daquela massa humana que se comprimia no majestoso estádio. Espetáculo jamais visto no Brasil, o daquelas 160 mil pessoas que afluindo de todas as partes do Brasil, ali estava para aplaudir o onze nacional. [...]Nossos craques desta vez, juntaram á excelente categoria do “soccer” nacional, a flama, o coração, o desejo de vencer que esteve ausente nos compromissos iniciais. (Também..., 1950, p.7)

O nacionalismo explodiu, tanto que dias antes ao jogo final o grito de “É campeão!” já era emitido pelas ruas do Brasil. Ninguém esperava a derrota, o otimismo era gritante e presente por todos os lados. A confiança estava inflada e ocupava todos os espaços daquele Maracanã completamente lotado, como no discurso anterior ao jogo do prefeito da cidade do Rio de Janeiro Ângelo Mendes de Moraes:

"Vós, brasileiros, a quem eu considero os vencedores do Campeonato Mundial! Vós, jogadores, a que menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhões de compatriotas! Vós, que não possuís rivais em todo o hemisfério! Vós, que superais qualquer outro competidor! Vós, que eu já saúdo como vencedores! [...] Cumpri minha promessa construindo esse estádio. Agora, façam o seu dever, ganhando a Copa do Mundo! Jogadores do Uruguai: o desporte no Brasil os saúda com o coração aberto! Jogadores do Brasil: 52 milhões de brasileiros esperam pelo título mundial! Não frustrem essa esperança!" (PERDIGÃO, 2000, p. 114).

De acordo com Costa (2008, p.5) “O tom nacionalista, aliás, marcou a realização da Copa do Mundo de 1950, o que fez com que a partida do dia 16 de Julho

se afigurasse como o momento inigualável da história de um país que por intermédio do futebol poderia se mostrar vencedor e capaz de grandes realizações”. O *Mundo Esportivo* já afirmava que apenas “cegos” não viam o poder do Brasil:

Alguém pode conceber que o Brasil não marcha como soberano no campeonato mundial? Não há ninguém que possa ultrajar a soberania do futebol nacional. Isto ficou confirmado, após os dois últimos compromissos. [...]O movimento é de franco otimismo. Muito melhor o otimismo nesses dias de espera pela consagração. [...]O Brasil vencerá com a autoridade que distingue perante os outros concorrentes. (Vamos, Brasil!, 1950, p.8-9)

Franzini (2010, p. 259) afirmava que o mais interessante ao ler os jornais era, por ingenuidade ou conveniência, os jornalistas não via a imprensa como parte integrante daquele “otimismo exagerado e pernicioso” que ameaçava o desempenho da equipe brasileira. Apenas os torcedores e jogadores eram “desmemoriados”.

A maneira como os jornais descreviam a história dos jogos, o talento dos jogadores, o estádio lotado, a torcida vibrando e impulsionando o selecionado tudo frisava a composição nacionalista que tomava conta do país. O *Jornal de Notícias* fazia questão de afirmar a relação indireta entre a atuação dos jogadores e o apoio da massa:

Empolgante sob todos os pontos de vista o espetáculo de ontem no Estádio do Maracanã. Uma das maiores assistências já vistas em campos de futebol, presenciou o cotejo entre brasileiros e espanhóis, na disputa da segunda rodada das finais da Copa do Mundo.[...]É fácil, portanto, imaginar o que foi a atuação dos nacionais. Incentivados pela enorme assistência, os valorosos representantes do “soccer” pátrio, encontraram seu melhor jogo e deram, indiscutivelmente, vibrante demonstração de todo o seu valor. (Goleada... 1950. p.10)

Era de certa forma um falso nacionalismo, que viria a ser derrubado com um gol uruguaio e um Maracanã silenciado. O escritor Carlos Heitor Cony afirmou após a derrota contra o Uruguai: “Quem passou pelo 16 de julho de 1950 merece um monumento coletivo, como o do Túmulo do Soldado Desconhecido. São essas coisas que formam uma pátria, um povo encharcado em sua dor” (apud NETO, 2000, p. 30). Gilardi (2008) questionou a partir dessa frase como um país era capaz de se formar como pátria através da derrota em uma copa do mundo. O autor coloca que um exagero desses só acontece “... em um país como o Brasil no qual a nação não foi, definitivamente, formada sobre um histórico de guerras de independência e/ou conquista e defesa de território” (Gilardi, 2008, p. 134).

Após a derrota o nacionalismo se perdeu, pois o que se viu foi uma unidade nacional destituída e tomada por preconceitos. A mídia foi a primeira a destituir esse sentimento que fora instaurado desde a escolha do Brasil como sede. O orgulho se tornou vergonha, a seleção o nosso fracasso. Segundo o *Mundo Esportivo*, éramos um país sem glórias.

[...]Virou-se a ultima página do vigoroso drama que sacudiu a cama dos brasileiros e agora, passados os primeiros instantes de magoa e decepção, podemos analisar, friamente, as causas que determinaram a dolorosa tragédia do futebol brasileiro. [...]Tão pouco movemos o desejo de ferir este ou aqueles. Visamos antes de tudo, apontar os erros que presidiram os preparativos e a orientação do nosso quadro, e nisso não faremos mais do que repetir os gritos de alerta que, patrioticamente, não nos cansamos de repetir enquanto havia tempo para reparos. Em desprezioso retrospecto, apontaremos os dez erros que culminaram com a derrota do Brasil na Copa do Mundo.” (BRAZ, 1950. p. 7-8)

Na reportagem do jornal *Mundo Esportivo* o jornalista tenta deixar claro que ele não tem a intenção de julgar ninguém, mas os apontamentos feitos por ele na reportagem deixam claro que um dos culpados era o selecionador Flávio Costa, sempre criticado pelo mesmo periódico.

A mídia vestiu a camisa desde o início do certame principal, a escolha do Brasil como sede. No entanto, como parte de sua função ela criticou quando foi necessário e se posicionou frente a determinados problemas, ações. De certa forma, a ela se colocou como líder da torcida e narrou todo o evento como um torcedor, um apaixonado, que por um lado compreendia mais o jogo tecnicamente que alguns de seus leitores.

Assim, a dor, as lágrimas que os brasileiros derramavam naquele 16 de Julho representavam o sentimento de perda, o sentimento de fracasso de uma nação que buscava a partir daquela vitória se fortalecer, se afirmar como um país potencialmente forte, com um povo unido e patriota, que acreditava e apoiava a sua pátria. Os jornais estampavam no dia anterior ao jogo a tristeza e a vergonha: “Drama, Tragédia e Ridículo!” apresentava o *Mundo Esportivo*, de São Paulo. A *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro definiu a derrota como o presente que não merecíamos “Desilusão e lágrimas – premio que recebeu a torcida brasileira”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A copa de 1950 foi um episódio marcante na história do futebol brasileiro. Ao contrário de como ela é representada até os dias atuais como a maior tragédia do futebol nacional, aquele mundial deveria ser lembrado pelo que ele construiu a frente, talvez aquela derrota tenha feito com que o futebol enfim se constituísse como um símbolo da cultura nacional e fizesse com que o país desse os primeiros passos como o “país do futebol”.

No entanto, o objetivo desse trabalho não era discutir a importância do mundial e sim a relação da identidade nacional com a realização da Copa do Mundo no Brasil através do olhar dos jornais daquele período. Foi possível observar que os jornais eram uma representação do torcedor mais crítico e atuante, pois havia a necessidade de questionar os planos, a seleção, principalmente quando são comparados os jornais de Rio de Janeiro e São Paulo, onde a identidade regional muitas vezes falava mais alto que a percepção de um pertencimento nacional. Torcer pelo Brasil se fazia importante quando se tinha no selecionado jogadores da sua seleção estadual.

A imprensa de certa maneira informa o leitor, no caso do futebol e naquela Copa se buscava afirmar o esporte como parte simbólica de uma nação, como centro da formação de uma unidade nacional. Logo, a necessidade de ser otimista e “vender” ao seu leitor os sonhos se fazia de forma central.

Em 1950, o Brasil, como hoje, era um país em busca de uma identidade e em desenvolvimento, o Mundo se encontrava numa grande “reconstrução”, e a necessidade de se mostrar ao mundo era evidente. E por algum motivo se viu no futebol a possibilidade de ser reconhecido e visto de forma diferente.

No entanto, é interessante pensar como o nacionalismo do brasileiro passou a ser um sentimento vivenciado fortemente durante a época de Copa do Mundo, e praticamente apenas nela. Os anos se passaram, e o Futebol, parece, continua a ser uma representação simbólica de uma identidade brasileira, mas assim como em 1950 aquele sentimento patriótico, fanático, muda tão drasticamente conforme o resultado, o fracasso e a vergonha. Ser patriota para o brasileiro é quase um hobby que acontece de quatro em quatros.

8 REFERENCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo. Companhia das letras, 2008. P.32.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional.** São Paulo, Editora Ática, 1989.

AQUINO, R. S. L. de. **Futebol uma paixão nacional.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2002.

BANCHETTI, L. D. . **Memórias em Jogo: Futebol, Seleção Brasileira e as Copas do Mundo de 1950 e 1954.** 2011. 287 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BITENCOURT, F. G. Esboço sobre algumas implicações do futebol e da Copa do Mundo para o Brasil: Identidade e ritos de autoridade. **Rev. Bras. Cienc. Esporte,** Campinas, v. 30, n. 3, p. 173-189, maio 2009.

BYINGTON, C. A Riqueza simbólica do futebol. **Psicologia Atual,** 5, 25, pp.20-32, 1982.

CALDAS, W. **O pontapé inicial. Memória do futebol brasileiro (1894-1933).** São Paulo, Ibrasa, 1990.

CASTILHO, M. M. **Futebol, Sociedade e Política:** Influência política na formação e desenvolvimento do futebol no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso. EEFÉ – USP. São Paulo, 2010.

COELHO, P. V. **Bola Fora:** o êxodo do futebol brasileiro. Panda Books, 2009

COSTA, Leda. Hermenêutica da derrota. imprensa esportiva e seleção brasileira nas copas do mundo. In: ENCONTRO ANUAL DE ANPOCS, 36., 2012, Aguas de Lindoia. **Anais do Encontro (GT, MR e SP)** . Águas de Lindóia, 2012. p. 1 - 22. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=7939&Itemid=76>. Acesso em: 20 set. 2014.

CONY, C. H.. **O Harém das bananeiras.** In: MORAES NETO, Geneton. Dossiê 50. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

DAMATTA, Roberto et al (Org.). **Universo do futebol:** Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DA MATTA, R. **O Que faz o Brasil, Brasil?** 7. ed. Rio de Janeiro, Rocco. 1994.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social:** uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2002.

DEL PRIORI, M. **História do esporte no Brasil:** do Império aos dias atuais. Editora UNESP, 2009

FRAGA, G. W. **A derrota do Jeca”:** Na imprensa Brasileira: Nacionalismo, Civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950.. 2009. 398 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses:** futebol, cultura, sociedade. Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, F.. **Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950.** São Paulo: Usp, 2010. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/163/RH_163_-_11_-_Fabio_Franzini.pdf>. Acesso em: 15 out. 2014.

GASTALDO, E. L. **Pátria, Chuteiras e propaganda:** o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: AnnaBlume, 2002. v. 1. 229 p.

GASTALDO, E. L. e GUEDES, S. L. **Nações em campo:** Copa do Mundo e Identidade Nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

GILARDI, J. J. T.. 1950: o olhar da imprensa. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, Jan/Jun, 2008.

GUEDES, S. L. **O Brasil no Campo de Futebol.** Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo; Contexto, 2009

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego.** 2003. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens - O Jogo Como Elemento da Cultura.** São Paulo: Perspectiva, 1971.

KRAUSE, G. K. **O Futebol como um meio construtor de identidades.** Trabalho de Conclusão de Curso. UFRGS. Porto Alegre, 2010.

LEVER, Janet. A loucura do futebol. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1983 In: KRAUSE, G. K. **O Futebol como um meio construtor de identidades.** Trabalho de Conclusão de Curso. UFRGS. Porto Alegre, 2010.

LEVINE, R. O caso do futebol brasileiro. In: WITTER, José S. (org.). **Futebol e Cultura.** São Paulo: Convênio Imesp/Daesp, 1982.

LOPES, J. S. Leite Lopes. **A vitória que incorporou a pelada**. Revista USP, São Paulo, no. 22, junho/julho/agosto de 1994.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro; Mauad, 2003.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 37, p.179-188, 1999.

NEGREIROS, P. J. L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: Construindo a Identidade Nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003.

PASCHOALINO, C. B. A Construção e (Des)construção da Identidade da Seleção Brasileira. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 1., 2012, Fortaleza, 2012. p. 1 – 15. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0811-2.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2014.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. São Paulo: L&PM, 2000.

PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas, SP: UNICAMP/IE, 2000.

RINALDI, Wilson. Futebol: Manifestação Cultural e Ideologização. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 11, n.1, p. 167-172. 2000.

RIZZO, M. . **DE 1950::** Relatório oficial da Copa do Mundo de 1950, arquivado pela Fifa, permite traçar paralelo na organização dos Mundiais no Brasil.. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/71969-de-1950.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2014.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. Perspectiva, 1993

SANTOS, T. C.. **Os primeiros passos do profissionalismo ao futebol como megaevento**. 1999. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/32e6697cb0218fbf8e13c1d26ac2a7d1.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2014.

Fontes

BRASIL! BRASIL!BRASIL! DO MARACANÃ SAIRÁ O CAMPEÃO DO MUNDO. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro. p. 6-7. 16 Jul. 1950.

BRAZ, Odilon C. **Mundo Esportivo**. São Paulo. p. 7. 21 Jul 1950.

DESILUÇÃO E LÁGRIMAS – PRÊMIO QUE RECEBEU A TORCIDA BRASILEIRA. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro. P.6-7. 18 Jul 1950.

GOLEADA PELOS BRASILEIROS A SELEÇÃO ESPANHOLA. *Jornal de Notícias*. São Paulo. p.10. 14 Jul. 1950.

KLEYMAN, Levy. *Sport Ilustrado*. Rio de Janeiro. p.4. 21 Abr 1949.

NOSSA OPINIÃO. *Mundo Esportivo*. São Paulo. p.2. 23 Jun. 1950.

NOTÍCIAS DO RIO. *Jornal de Notícias*. São Paulo. p. 7. 17 Jun 1950.

O BRASIL NA COPA DO MUNDO DE 1938. *Mundo Esportivo*. São Paulo. p.3. 29 Jun. 1950.

PLACARD. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. P.12 17 Jun. 1950.

“SLOGAN” DA TORCIDA: TUDO PELA VITÓRIA DA SELEÇÃO BRASILEIRA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. p. 6-7. 1 Jul 1950.

TAMBÉM OS ESPANHÓIS FORAM GOLEADOS. *Mundo Esportivo*. São Paulo. p. 7. 14 Jul 1950.

TURISMO. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. p.3. 28 Jan. 1950.

VAMOS, BRASIL!. *Mundo Esportivo*. São Paulo. p.8-9. 14 Jul 1950

VENCERAM OS BRASILEIROS NO JOGO DE ONTEM. *Jornal de Notícias*. São Paulo. p. 14. 25 Jun. 1950.

VIBRAÇÃO PELO ESTÁDIO. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. p. 16. 18 Jun. 1950.